

# OS ESPAÇOS CINEMATOGRAFICOS EM CAMPO GRANDE - MS

Flaviana Miranda da Silva de Sá<sup>1</sup>

Maria Augusta de Castilho<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo tem por objetivo demonstrar as transformações ocorridas pelas salas de exibições cinematográficas em Campo Grande - MS, contextualizando a (des)territorialização, a (re)territorialização e a territorialização desses espaços culturais. O estudo foi pautado no método indutivo por meio de pesquisas bibliográficas, entrevistas e observações *in loco*, demonstrando o fascínio que esse meio de comunicação exerce nas pessoas.

**Palavras-chave:** Cinema; Cultura; Espaço.

## ***CINEMATOGRAPHIC SPACES IN CAMPO GRANDE – MS***

***Abstract:*** *The article aims to show the changes that occurred through the rooms of film screenings in Campo Grande - MS, contextualizing*

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e técnica na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: <flamssa@gmail.com>.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: <m.a.castilho@terra.com.br>.

*the (de)territorialization, (re)territorialization and territorialization of these cultural spaces. The study was guided by the inductive method through literature searches, interviews and observations on the spot, showing the fascination that this medium has on people.*

**Keywords:** *Movie theater; Culture; Space.*

### ***Introdução***

O estudo foi norteado pela (des)territorialização dos espaços cinematográficos em Campo Grande - MS, objetivando rememorar tempos passados e marcantes na vida dos habitantes campo-grandenses, destacando os fatos que influenciaram no desenvolvimento desses espaços.

Com a implantação dos cinemas e o avanço da tecnologia no mundo, as salas de exibição de filmes ou espaços cinematográficos - os cinemas - como são chamados, também se modernizaram.

Com o advento da televisão, videocassete, DVD, internet e TV a cabo, muitos cinemas continuam com suas exibições por motivos de lazer e entretenimentos individual e coletivo.

Cinema é um termo muito complexo que envolve produção de filmes, *marketing*, investimento, salas de exibição, tecnologia e frequentadores. É uma verdadeira indústria de sonhos que, na realidade, se parece com uma máquina industrial, transformando a arte em bens (culturais, econômicos), para serem consumidos e não somente apreciados.

Identificou-se que o cinema contribuiu para a cultura, desenvolvimento e a vida social do campo-grandense, e como esse meio de comunicação foi envolvendo a comunidade, exercendo sobre ela um enorme fascínio pelo poder e controle das imagens em movimento, as quais retratam a realidade, as opiniões políticas e os comportamentos sociais.

O trabalho foi realizado por meio do método indutivo/dedutivo, considerado um processo intelectual, iniciando-se por dados particulares, suficientemente comprovados, deduzindo uma verdade universal ou geral, ainda não contida até então nas partes examinadas. Também foram realizadas consultas bibliográficas, documentais (primárias e secundárias) de registros históricos etnográficos, análise e interpretação de textos, sendo uma pesquisa do tipo exploratória documental, com abordagem qualitativa, uma vez que se lançou mão de entrevistas realizadas aos frequentadores dos cinemas já (des)territorializados.<sup>3</sup>

### ***O patrimônio cultural, memória, identidade no contexto do desenvolvimento local***

É fundamental a compreensão de alguns conceitos para o entendimento da temática, englobando identidade cultural, território,

---

<sup>3</sup> As entrevistas, juntamente com a história oral dos usuários, foram executadas com base no tipo qualitativo, pois o interesse não era a quantidade de pessoas que os cinemas recebiam, mas as lembranças daqueles momentos vivenciados retiradas das memórias. Assim, foram realizadas oito (8) entrevistas, com frequentadores de diferentes idades e gravadas com autorização dos entrevistados, sendo que eles tiveram momentos de recordações do passado vividos a partir das falas evidenciadas. Neste artigo serão contempladas apenas três entrevistas.

(des)territorialização e o desenvolvimento local, relacionados com os espaços cinematográficos de Campo Grande-MS.

As salas de exibição que se conhecem atualmente são bem diferentes das do passado. As exibições cinematográficas no mundo tiveram início em 1891, com o cinetoscópio<sup>4</sup> inventado por Thomas Edison (o mesmo inventor da luz elétrica). Esse aparelho tinha uma limitação, somente uma pessoa por vez poderia ter acesso à máquina que reproduzia imagem, por uma pequena abertura no interior da caixa e o valor para essa apreciação era muito elevado para os usuários da época.<sup>5</sup>

Tornava-se, portanto, necessário criar outra opção em que pudesse ser projetada a imagem para uma quantidade maior de pessoas. Assim, em 28 de dezembro de 1895, em Paris, houve a primeira exibição pública, utilizando-se uma máquina chamada cinematógrafo<sup>6</sup> inventada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière.<sup>7</sup>

No Brasil em 1975, existiam 3.300 salas de cinemas, mantendo-se nessa quantitativa faixa por aproximadamente cinco anos, mas houve uma queda brusca, cujo declínio, atingiu 50% dessas salas de cinema causada pelo aparecimento da TV.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> Aparelho precursor do cinematógrafo, inventado por Thomas Edison, em que as fotografias da película, em lugar de projetadas, são examinadas por intermédio de uma lente apropriada. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/cinetoscopio>>. Acesso em: 23 maio 2012.

<sup>5</sup> ARAÚJO, Inácio. *Cinema: o mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995.

<sup>6</sup> Cinematógrafo - Aparelho fotográfico que possibilita a projeção de imagens ou cenas animadas em uma tela. DICIONÁRIO da Língua Portuguesa de Soares Amora, 2001, p. 146. Ainda hoje essa máquina é utilizada.

<sup>7</sup> BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

<sup>8</sup> ANCINE. Agência Nacional do Cinema (2012). Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

O setor de exibição de filmes no Brasil encontra-se atualmente em expansão (após um declínio em 1980), em razão de os espaços cinematográficos com entrada do capital estrangeiro, estimular o aumento do número de salas de exibição em todo o território brasileiro.

Segundo pesquisa realizada pela ANCINE (2012), o público frequentador de cinema no Brasil em 2001, ficou em torno de 75 milhões de espectadores.<sup>9</sup> Em 2011, já atingia 141, 7 milhões, continuando com uma demanda consideravelmente elevada. Quanto à renda de ingressos vendidos entre 2002 e 2011, passaram de R\$ 529.558.406 para R\$ 1.437.801.236, demonstrando um aumento tanto de público quanto de renda.

No estado de Mato Grosso do Sul, as salas de exibição já foram muitas, existindo registro de salas de exibição nas cidades de Bonito, Dourados, Guia Lopes da Laguna, Nova Andradina, entre outros municípios.<sup>10</sup> Em 2007, existiam apenas quatro municípios do estado com salas de exibição cinematográfica: Campo Grande (12 salas), Corumbá (1 sala), Dourados (6 salas), e Três Lagoas (1 sala), totalizando 20 salas em todo o estado.<sup>11</sup> Em Campo Grande, esse número aumentou para 26 salas, com o futuro Cinema da Rede *United*

---

<sup>9</sup> ANCINE, op. cit., 2012.

<sup>10</sup> PINHEIRO, Marinete; FISCHER, Neide. *Salas de sonhos: história dos cinemas de Campo Grande*. Campo Grande: UFMS, 2008.

<sup>11</sup> ANCINE, op. cit., 2012.

*Cinemas International* (UCI), no novo Shopping Bosque dos Ipês, com inauguração em 15/08/2013.<sup>12</sup>

Entre 1910 e 1940, houve o surgimento do primeiro espaço para exibição cinematográfica em Campo Grande. A população da cidade nesse período era de 31.708 habitantes.

Este primeiro espaço cinematográfico chegou em 1910, por meio de um italiano chamado Rafael Orrico, vindo da cidade de Aquidauana, trazendo uma máquina que fazia projeção de imagem (cinetoscópio). Esse italiano hospedou-se no Hotel Democrata, onde fez a primeira exibição para os moradores da região.<sup>13</sup>

As salas de exibição de pequeno porte, então conhecidas como cinemas de rua, por estarem localizadas no centro das cidades e em bairros, acabaram extintas, por esses complexos que passaram a se concentrar em *shopping center*; um exemplo desses cinemas foi o Cine Campo Grande, que não resistiu e fechou as portas em 2012.

Pelo viés do cinema como atividade cultural, destacam-se as relações sociais mantidas entre seus frequentadores, representando dia a dia suas emoções, problemas e sonhos, portanto, o cinema fez e faz parte de uma representação cultural, ficando impraticável afirmar que ele não interfere na construção da identidade da população.

De acordo com Hall, a identidade está em constante mutação, pois as necessidades internas de um grupo sempre se transformam, e o

---

<sup>12</sup> BITTAR, Marisa; FILHO, Dante. *Dos campos grandes à capital dos ipês*. Campo Grande: Alvorada, 2004.

<sup>13</sup> PINHEIRO; FISCHER, op. cit., 2008.

discurso sobre identidade sempre se atualiza.<sup>14</sup> Dessa forma, identificou-se que com as mudanças culturais, o cinema também foi se modificando ao longo do tempo e o mesmo ocorreu em Campo Grande, com apresentações esparsas que gradativamente foram sendo implantadas via salas de exibição.

Leite enfatiza que “a cultura de mídia da sétima arte induz a comunidade a conformar-se com a organização vigente em contrapartida, também lhe oferece meios de fortalecer uma oposição da sociedade a esta mesma mídia.”<sup>15</sup> O cinema é uma fonte de recursos para compreensão da sociedade, e um instrumento de transmissão de ideias, valores e diferentes visões do mundo, construindo ou destruindo contextos, pois tem o poder de transformar lendas em fato reais.

Dessa forma, a identidade cultural de uma comunidade se determina, por meio de manifestações culturais, que exprimem seus sentimentos comuns, expondo suas particularidades.<sup>16</sup> Criaram-se também na localidade manifestações culturais próprias, ocasião em que às pessoas iam aos espetáculos cinematográficos individual ou coletivamente para satisfazer suas necessidades de lazer, tornando-se para muitos um hábito semanal proporcionando encontros, diálogos e até debates sobre as temáticas dos filmes.

#### Na visão de Bauman:

---

<sup>14</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

<sup>15</sup> LEITE, Sidney Ferreira. *O cinema manipula a realidade?* São Paulo: Paulus, 2003, p. 89-90.

<sup>16</sup> GUIMARÃES, Nathália Arruda. A proteção do patrimônio cultural: uma obrigação de todos. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 9, n. 354, 26 jun. 2004. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5372>>. Acesso em: 20 maio 2010.

[...] tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma nos caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.<sup>17</sup>

Os filmes brasileiros, em sua maioria, retratam a realidade vivida no Brasil, portanto, mesmo na ficção verificam-se alguns comportamentos típicos da identidade cultural e da cultura brasileira. O cinema também é um patrimônio cultural que deveria ser preservado.

A cultura expressa pelos cinemas junto às exibições de filmes, e durante esses encontros da população nos espaços de exibição, tinha como fins: o divertimento e entretenimento, disseminando cultura e aprendizado, e muitos cineastas utilizaram-se desses espaços para expor aspectos da realidade social, pensamentos ligados à política, entre outros costumes, não condizentes para uma parte da sociedade.

Pode-se assinalar que o espaço geográfico, com transformações ocorridas pela comunidade e a territorialidade, se dá conforme a construção dessa relação entre o espaço e seus respectivos agentes da sociedade: a (des)territorialização se dá em consequência das mudanças ocorridas nesses territórios vividos.

No aporte de Tuan, a “cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no

---

<sup>17</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 17.

entanto, nos ofendemos se um estranho a crítica.”<sup>18</sup> Percebe-se que o maior sentimento dedicado pela cidade e sua história é das pessoas mais vividas e naturais de Campo Grande-MS.

Os indivíduos precisam do seu território, do seu espaço para que possam criar vínculos e ligações. Dessa forma, os espaços das salas de exibição, ou melhor, o cinema, pode ser considerado um desses territórios, para a criação de relações sociais e culturais da comunidade campo-grandense.

O território da sala de exibição de filmes pode criar situações acidentais ou intencionadas de acordo com o enredo dos filmes e dos telespectadores que vivenciam o momento, podendo até vir a interferir na vida desses indivíduos.

Segundo Raffestin, a territorialidade não é constituída somente por relações de território concreto, mas por territórios com relações abstratas. É um conjunto de relações mantidas pelas pessoas, pertencentes a uma sociedade. O autor considera território como resultado das modificações ocorridas após a apropriação concreta ou abstrata do indivíduo ou comunidade em um determinado espaço.<sup>19</sup>

O desenvolvimento local é um termo muito abrangente e engloba não apenas o desenvolvimento econômico, pois, o crescimento econômico isoladamente não garante o desenvolvimento local, e sim a soma dos valores sociais e culturais de uma comunidade. O desenvolvimento local, mesmo considerado primeiramente como

---

<sup>18</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1993, p. 60.

<sup>19</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

desenvolvimento econômico, deve ser utilizado para transformar a vida social, cultural e política de um determinado local.

De acordo com Ávila *et al.*, Desenvolvimento Local

[...] consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma ‘comunidade definida’ (portanto com interesses comuns e situada em determinado território ou local com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a ‘metabolização’ comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito.<sup>20</sup>

Castilho e Santos ressaltam que “o desenvolvimento local só ocorre quando na prática se vê o referido ditado pensar globalmente e agir localmente.”<sup>21</sup> Destacam-se neste ponto, os Irmãos Lahdo, fundadores de dois cinemas (Cine Acapulco e Cine Jalisco) em Campo Grande, e os primeiros produtores de um filme produzido com equipe totalmente da cidade, o que para a época foi um desenvolvimento cinematográfico cultural local.

As salas de exibição de filmes em Campo Grande foram relevantes, para o desenvolvimento local da cidade e da comunidade como um todo, visto que cada cinema existente em Campo Grande

---

<sup>20</sup> ÁVILA, Vicente Fideles de *et al.* *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. Campo Grande: UCDB, 2000, p. 68.

<sup>21</sup> CASTILHO, Maria Augusta de; SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. *Rota do Trem do Pantanal: o diálogo entre patrimônio e desenvolvimento local*. Campo Grande: Life, 2012, p. 22.

valorizou e restaurou uma determinada região da cidade, reforçando os laços culturais da sociedade campo-grandense em uma época. O desenvolvimento ocorrido pela modernização das novas salas de exibição com o passar dos anos, trouxe consigo um público diferenciado e elitizado, principalmente, com o aumento dos valores dos ingressos e localização em ilhas de consumo, como são chamados os *Shopping Centers*.

As manifestações culturais que exprimem a identidade de um povo podem servir também como uma forma de progresso para o desenvolvimento humano e social de uma comunidade.<sup>22</sup> Dessa maneira, os espaços de exibição de filmes de Campo Grande influenciaram nesse sentido o desenvolvimento cultural, social e até mesmo econômico.

Um estudo realizado pela ANCINE ressalta que apenas 7% dos municípios brasileiros possuem salas de exibição. O baixo número pode ter relação com os fatores econômicos dos municípios, localização, que inviabilizam a construção e manutenção das salas.<sup>23</sup> Foi possível verificar que as grandes concentrações de salas de exibição no Brasil estão nas regiões Sul e Sudeste.

Almeida assinala que as mudanças dos locais das salas de exibição, para ilhas de consumos, ocorreram a partir de 1980.<sup>24</sup> Essa migração é considerada como cinema de rua. Essas referidas ilhas de

---

<sup>22</sup> KNOPP, Glauco da Costa; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Cultura e desenvolvimento: O programa bairro-escola da cidade de Nova Iguaçu. *Revista Administração e Diálogo*, v. 9, n. 1, 2007, p. 59-94.

<sup>23</sup> ANCINE, op. cit., 2012.

<sup>24</sup> ALMEIDA, Paulo Sérgio. *Cinema, desenvolvimento e mercado*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

consumo que, por sua vez, resultam nas modificações dos costumes e hábitos da sociedade brasileira, fazem com que o usuário seja cada vez mais consumista.

Os pequenos espaços de exibição de película localizados nas cidades vêm sendo fechados, os quais se (des)territorializam e se (re)territorializam em igrejas, magazines ou galerias de lojas, ou agências bancárias, e os espaços que eram no centro das cidades estão se mudando para o interior de centros comerciais.

### ***Espaços cinematográficos em Campo Grande - MS***

Os espaços de exibição cinematográfica regulamentados pela ANCINE, criada em 2001, através da Medida Provisória (MP) nº 2.228-1, trouxeram consigo uma série de referências ao segmento de salas de exibição. Com o objetivo principal de estabelecer os princípios gerais da Política Nacional de Cinema, criou-se o Conselho Superior do Cinema e a Agência Nacional de Cinema - ANCINE, instituindo o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Cinema Nacional - PRODECINE, autorizando também a criação de Fundos de Financiamento da Indústria Cinematográfica Nacional - FUNCINES, alterando a legislação sobre a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional.

A ANCINE considera sala de exibição ou espaço cinematográfico de exibição um conjunto de atividades encadeadas, realizadas por um ou vários agentes econômicos, necessárias à prestação do serviço de exibição cinematográfica, que consiste na

projeção de obras audiovisuais em tela de grande dimensão, para fruição coletiva pelos consumidores finais.<sup>25</sup>

Quando se destaca as salas de exibição como sendo cinema não se pode esquecer de que a produção e a distribuição dos filmes são fatores econômicos em desenvolvimento.

O cinema existe como uma forma de entretenimento desde julho de 1896, e como realização e expressão desde 1897, sendo também conhecido como a sétima arte, correlacionando-o com a música, a dança, a pintura, a escultura e o teatro.<sup>26</sup> Não é apenas uma linguagem, imagem e som incorporam também as tecnologias e os discursos distintos de câmera, iluminação, edição, montagem do cenário, tudo contribuindo para um sentido.

De acordo com Turner, o cinema é um complexo de sistemas de significação sendo um produto da combinação daqueles.<sup>27</sup> A combinação pode ser realizada com sistemas complementares ou conflitantes entre si, mas nenhum por si só é responsável pelo efeito total de um filme, e todos aqueles examinados possuem, como se pode observar seu próprio conjunto distinto de convenções, seus próprios meios de representar as coisas.

No Brasil, o cinema chegou pelas mãos de Affonso Segretto, um imigrante italiano, em 1898. Um grande mercado de entretenimento se formou ao redor da cidade do Rio de Janeiro, no

---

<sup>25</sup> ANCINE, op. cit., 2012.

<sup>26</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. *A fascinante aventura do cinema brasileiro*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1981.

<sup>27</sup> TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

século XX, ocasião em que muitos filmes foram exibidos à população local, que buscava lazer e diversão.<sup>28</sup>

O processo de (des)territorialização e de (re)territorialização ocorrido nos espaços cinematográficos de Campo Grande - MS pode ser delimitado da forma que Haesbaert relata: “a vida é um constante movimento de (des)territorialização e (re)territorialização”<sup>29</sup>, ou seja, está-se sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos.

Campo Grande visualizava e demonstrava que seu desenvolvimento econômico, social e de entretenimento, entre outros, estava em expansão e começava a ostentar certo ar de metrópole, com a inauguração de grandes casas de espetáculos como: Cine Trianon, Cine Santa Helena e Cine Alhambra. Em 1930, deu-se início aos espaços cinematográficos de grande porte e de luxo para a comunidade.

De acordo com Silva, os espaços cinematográficos já foram considerados lugares de encontro e de sociabilidade, onde a população desfrutava do lazer e do convívio com outras pessoas.<sup>30</sup> Esses lugares ainda permanecem vivos na memória de alguns moradores de Campo Grande - MS.

---

<sup>28</sup> SOUZA, op. cit., 1981.

<sup>29</sup> HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 138.

<sup>30</sup> SILVA, Alzilene Ferreira da. *A magia do cinema na praça: apropriação do espaço e sociabilidade em Salvador - BA*. 2009. 230 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2009.

Segundo Morin, o cinema, considerado um lugar mágico, é estético e, ao mesmo tempo afetivo.<sup>31</sup> Cada um desses termos pressupõe o outro.

Na assertiva de Santos e Costa:

O cinema é um meio de comunicação bastante influente que pode atuar como uma poderosa ferramenta de disseminação de práticas sociais, culturais e políticas. Atua como espaço de representações e de construção de identidades.<sup>32</sup>

Sendo assim, o cinema, conhecido como a sétima arte, usado como entretenimento, pode servir também para manipular as pessoas de modo eficaz, uma vez que as imagens são próximas à realidade e, conseqüentemente, tiram o sentido de ser apenas uma arte, auxiliando na produção da identidade cultural de um grupo.

A linguagem cinematográfica é uma linguagem de signos, imagens. Se “o cinema é uma arte, se ele é um sistema de comunicação, se ele pode servir para a transmissão de ideias e de emoção estética, ele realmente tem sua própria linguagem.”<sup>33</sup>

Cuellar ressalta que o cinema obriga a reflexão quando:

As dimensões culturais moldam nosso pensamento e imaginação, influem em nosso comportamento e é, possivelmente, mais essencial que o crescimento

---

<sup>31</sup> MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: Xavier, Ismael (Org.). *A experiência do cinema: antropologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1983.

<sup>32</sup> SANTOS, Robson Souza dos; COSTA, Felipe da. *Cinema brasileiro e identidade nacional: análise dos primeiros anos do século XXI*. Universidade do Vale do Itajaí. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 maio 2012, p. 1.

<sup>33</sup> JUNKES, Lauro. *A narrativa cinematográfica: introdução à linguagem e estética cinematográfica*. Florianópolis, mimeografado, 1979, p. 27.

econômico, porque modelam a maneira como as sociedades concebem seu próprio futuro.<sup>34</sup>

Contar relata que em Campo Grande as primeiras visualizações de imagens em movimento ocorreram em 1903, com o conhecido Francisco Barros, o Chico Phonógrafo - e seu aparelho cinetoscópio.<sup>35</sup> Francisco era um paulista que levava as novidades para os locais distantes acompanhando o progresso das cidades grandes. Os moradores que quisessem olhar a máquina em funcionamento teriam que pagar o valor de “um mil conto de réis”.

### *Cinemas de Campo Grande que foram (des)territorializados, (re)territorializados*

Os pequenos espaços de exibição de película localizados nas cidades vêm sendo fechados, os quais se (des)territorializam e se (re)territorializam em igrejas, magazines ou galerias de lojas, ou agências bancárias, e os espaços que eram no centro das cidades estão se mudando para o interior de centros.

Ao se abordar a questão da (des)territorialização, tem-se de ter em mente esse processo, não se podendo analisar apenas o fato como uma destruição, descontinuação, pela exclusão social ou territorial de determinada comunidade.

---

<sup>34</sup> CUELLAR, Javier Perez de. Nuestra Diversidade Creativa. *Informe de la Comission Mundial de Cultura y Desarrollo*. Paris: UNESCO, 1996, p. 11.

<sup>35</sup> CONTAR, Edson Carlos. *Das margens do prosa ao bar do Zé*. Campo Grande: FUNCESP, 2002.

Os espaços cinematográficos de Campo Grande podem ser vistos como um espaço cultural (des)territorializado, de acordo com dois dos autores mais referendados e que discorrem acerca do termo (des)territorialização. Deleuze e Guattari preconizam o conceito de (des)territorialização como uma crescente mobilidade e circulação de pessoas, bens ou informação.<sup>36</sup>

Os autores citados defendem o processo de (des)territorialização como um processo implícito e iminente ao processo de (re)territorialização. Dentro desse enfoque, entende-se que a (des)territorialização é o movimento pelo qual o indivíduo ou comunidade abandona o território, e a (re)territorialização se torna o movimento de reconstrução do território.

Na concepção de Ianni, (des)territorialização aplica-se além dos mercados monetários, mas também em grupos étnicos, movimentos políticos, territórios sociais, que atuam crescentemente aos novos modelos das identidades territoriais. Esses se mantêm territorializados, perdem seu significado e aspecto original, tornando-se outro, prevalecendo assim o espaço e o tempo.<sup>37</sup>

A função de (des)territorialização: D é o movimento pelo qual abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma (re)territorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é a negativa. Qualquer coisa pode

---

<sup>36</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, v.5, 1997.

<sup>37</sup> IANNI, Octavio. A desterritorialização. In: \_\_\_\_\_. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 89-105.

fazer às vezes da (re)territorialização, isto é, vale-se pelo território perdido; com efeito, a (re)territorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um aparelho [...].<sup>38</sup>

Fernandes reforça que a “(des)territorialização é considerada um rompimento do controle do indivíduo ou comunidade sobre seu território.”<sup>39</sup> No caso do cinema, a comunidade perde seu território, espaço simbólico, utilizado como um local de socialização e entretenimento de toda a comunidade campo-grandense.

Diversos autores conceituaram (des)territorialização. Um dos pioneiros foi o conceito dado pelos filósofos Deleuze e Guattari:

Construímos um conceito de que gosto muito, o de (des)territorialização [...], precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vector de saída do território, e não há saída de território, ou seja, (des)territorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se (re)territorializar em outra parte.<sup>40</sup>

O indivíduo pratica a (des)territorialização com o simples ato de pensar. Deleuze e Guattari relatam que existe a criação de algo novo e conseqüentemente é necessário romper com o território já

---

<sup>38</sup> DELEUZE; GUATTARI, op. cit., 1997, p. 224.

<sup>39</sup> FERNANDES, João Luís Jesus. Implantação de projectos de desenvolvimento, desterritorialização e vulnerabilidade das populações: o caso da construção de barragens. In: *Cuarto Encuentro Internacional sobre Pobreza, Convergencia y Desarrollo*. Espanha: Universidad de Málaga, 2008, p. 5.

<sup>40</sup> DELEUZE; GUATTARI, op. cit., 1997, p. 99.

existente, criando outro, e que todo tipo de (des)territorialização é acompanhado por uma (re)territorialização.<sup>41</sup>

A (des)territorialização é interpretada conforme o segmento de território, não podendo ser vista apenas como o deslocamento físico de grupos sociais.<sup>42</sup> No segmento de território cultural, um dos fatores que evidencia a (des)territorialização é a crescente mobilidade das pessoas.

Esse processo pode ocorrer de forma voluntária ou forçada, de perda do território, de quebra de controle das territorialidades individuais ou coletivas. Pode-se verificar que os espaços cinematográficos de Campo Grande (des)territorializados foram processo de perda de territórios econômico e simbólico.

São considerados cinemas (des)territorializados aqueles que foram extintos e em seu lugar foram (re)territorializados outros espaços para o desenvolvimento de atividades comerciais, religiosas e outras, descaracterizando dessa maneira os prédios, suas fachadas, enfim, seus espaços, uma vez que a preservação cultural não foi preservada, nem pelo poder público, nem pela sociedade em geral. Dentre os cinemas (des)territorializados e (re) territorializados podem ser citados: Cine Brasil, Cine Ideal, Cine Rio Branco, Cine Central Guarani, Cine Teatro Trianon, Cine Santa Helena, Cine Alhambra, Cine Rialto, Cine Estrela, Cine Acapulco, Cine Jalisco, AutoCine, Cine Nova Campo Grande, Cine Plaza, Cine Center, Cines Haway I e II, Cine Cultura e Cine Campo Grande.

---

<sup>41</sup> DELEUZE; GUATTARI, op. cit., 1997, p. 99.

<sup>42</sup> HAESBAERT, op. cit., 2011.

Os espaços territorializados que iniciaram suas atividades a partir de 1999 persistam até a atualidade. O Cinemark tem um complexo com nove salas e foi instalado no piso superior do Shopping Campo Grande, localizado à Avenida Afonso Pena nº 4909. Encontra-se em seu interior quatro salas com a tecnologia 3D, bilheteria automática para compra de ingressos, uma *bomboniére* tradicional (pipoca, doces e refrigerantes).

Já o Cinépolis foi inaugurado em 2011, pertencendo à Rede do Cinépolis, localizado no interior do Complexo Shopping Norte Sul Plaza.

O Cinépolis tem origem mexicana, chegou ao Brasil em 2010, trazendo novidades. É um espaço que oferece lanches: baguetes recheadas, crepes, batata frita, entre outras guloseimas, contando ainda com poltronas reclináveis e braços recolhidos do modelo *stadium*. A capacidade de lugares no Cinépolis de Campo Grande é de 1427 poltronas, divididas em seis salas e três dessas salas utilizam a tecnologia 3D em suas exibições.

No momento em Campo Grande, o que há de mais moderno em exibição cinematográfica encontra-se no Cinépolis.

Assim, a memória individual e coletiva de Campo Grande, junto aos frequentadores e ex-frequentadores dos cinemas pode e deve ser preservada.

Na última década, o setor cinematográfico vem passando por inúmeras mudanças, no exterior, no Brasil e em Campo Grande como um todo.

Surgiu dessa forma um novo conceito em exibição que são as salas *multiplex*, caracterizando-se pela exibição simultânea dos filmes em mais de uma sala ao mesmo tempo. Por esse motivo, as salas de exibição nesses complexos são reunidas em uma mesma estrutura predial, com o intuito de facilitar a exibição e, assim, diminuir os custos de operação, manutenção e aquisição de mais filmes, podendo oferecer variedade dos *blockbusters*.

### ***A percepção dos campo-grandenses e frequentadores dos cinemas em Campo Grande - MS***

Para dimensionar os fatos que marcaram o desenvolvimento dos espaços cinematográficos, denominados cinemas de Campo Grande – MS, foram utilizadas histórias orais de frequentadores, uma vez que a bibliografia sobre o tema é bastante escassa. Dessa forma, as narrativas apresentadas contribuiriam para se compreender o tempo vivido pelos espectadores nos espaços cinematográficos existentes na cidade.

Percebe-se, pelas falas dos entrevistados, a saudade sentida por alguns, de uma época considerada: glamorosa, divertida, alegre, marcante para a vida social e cultural vivida pela família e pela juventude em geral.

Nota-se que existia preferência pelos cinemas, pois uns eram mais frequentados que outros, por diversos fatores, dentre esses: localização, acomodações da infraestrutura, gêneros dos filmes exibidos, nível social, entre outros. A seguir, apresenta-se um breve

relato de alguns dos entrevistados<sup>43</sup> em relação ao cinema frequentado por eles na época.

O Cine Teatro Santa Helena foi muito frequentado pela população de diversas classes sociais, em decorrência dos valores dos ingressos, influenciando na integração da colônia japonesa com a cultura e a comunidade auxiliou no desenvolvimento do local em que se instalou o prédio, de forma a se tornar uma região da cidade mais valorizada economicamente.

Pode-se constatar na fala do entrevistado Antônio Benedito Scatena<sup>44</sup>, ao recordar-se dos espaços de exibição na cidade, a saudade sentida de quando jovem, pois frequentava toda semana o cinema. Relatou que o espaço se tornou um local de encontro e lazer da época, principalmente, aos sábados e domingos.

Para Antônio Scatena:

O Cine Santa Helena era um espaço mais popular, um cinema de gandaia e bagunça. A comunidade japonesa lotava o Cine Santa Helena todas as quintas-feiras, onde eram exibidas películas japonesas, alguns filmes na língua deles.

De acordo com Halbwachs, a memória individual não se encontra totalmente isolada e fechada, pois para uma pessoa evocar seu próprio passado, é necessário que recorra às lembranças de outras,

---

<sup>43</sup> Todas as entrevistas foram autorizadas pelos respectivos frequentadores dos cinemas em Campo Grande – MS, no passado.

<sup>44</sup> Antônio Benedito Scatena, 63 anos, nascido em Campo Grande - MS, advogado. Frequentador assíduo de cinemas no período de sua juventude. Tem filmes que foram exibidos em alguns cinemas da época e, como atualmente, é adepto do computador, assiste a seus filmes no conforto e segurança de seu lar.

e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Desse modo, o funcionamento da memória individual não é possível sem as palavras e as ideias.<sup>45</sup>

O entrevistado Celso Higa<sup>46</sup>, descendente de japoneses, no decorrer de sua entrevista demonstra uma paixão pela história desses cinemas de Campo-Grande - MS e do Estado. Ele guarda em sua residência publicações feitas por ele nos jornais de Campo Grande, os quais fazem menção à história dos cinemas deste município e do Estado de Mato Grosso do Sul, e a música que tocava ao iniciar cada exibição cinematográfica da Rede Pedutti. Um frequentador assíduo dos espaços de exibição relembra que um dos únicos lugares de lazer e ponto de encontro da sociedade no passado eram os cinemas.

Dessa forma, o entrevistado lembrou um fato que ocorria sempre:

Meu pai era alfaiate, e quando o ajudava ele me dava mesada. Essa eu guardava, para ir ao cinema no decorrer da semana à noite, porque nos finais de semana íamos em família, e se quisesse voltar durante a semana teria que guardar o dinheiro da mesada. Como sempre fui um apaixonado pela sétima arte, estava sempre disposto a ajudar os pais com a intenção da mesada.

Celso mencionou, durante a entrevista, que existia a troca de gibis que acontecia ao redor do Cine - Teatro Santa Helena antes do início das sessões, um evento que movimentava os jovens e

---

<sup>45</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>46</sup> Celso Higa, 58 anos, nascido em Campo Grande - MS, engenheiro. Denomina-se um historiador autodidata, tendo em sua residência recortes de jornais e artigos de revista publicados por ele, com relação às histórias dos cinemas do estado.

colecionadores, por isso o cinema era o mais frequentado, motivado pelo valor popular do ingresso e pela troca dos gibis.

David Cardoso<sup>47</sup>, ator, produtor, diretor de cinema, considerado um cineasta em nossa região, e sempre muito apaixonado pela sétima arte. Em nosso Estado, foi o único a produzir sete (7) filmes, sendo cinco (5) longas metragem, 1 média e 1 curta. Seu mais recente trabalho foi *Maria Fumaça* que encerrou o festival de Anápolis - GO (2013).

Durante a realização da entrevista, David Cardoso expôs o seu interesse em produzir um filme que retratasse a realidade dos indivíduos considerados “sem defesa” (idoso, criança, deficiente). Atualmente encontra-se em busca de patrocínio para a produção de longa metragem.

Ele recorda que frequentava o cinema em Campo Grande de cinco a sete vezes por semana, como se pode constatar em sua fala:

Eu saía do colégio, do científico, vinha na *matinê*. Meu pai falava que tinha que ter nota, não precisava ser 10, mas tinha que ter a média, falavam meu pai e minha mãe. Então de cinco a sete vezes por semana participava das sessões e, muitas vezes assistia ao mesmo filme, quando gostava.

Ao recordar-se do Cine - Teatro Santa Helena, David Cardoso relata que era um cinema de bagunça. Às vezes, não dava para ver o filme no Cine Alhambra, falávamos com amigos, “vamos lá no Santa

---

<sup>47</sup> David Cardoso, 68 anos, nascido em Maracaju, ator, produtor e cineasta. Morador de Campo Grande-MS, conceituado no Brasil e no mundo, quando se fala de produção de cinematográfica, tem saudades do cinema glamoroso e vê o cinema atual vulgarizado.

Helena mesmo”. Era como uma segunda opção para ele, considerado um cinema mais simples, com poltronas de madeira e grande parte de seus frequentadores eram pessoas mais simples. O entrevistado destaca que o valor dos ingressos era mais acessível, visto que era metade do preço do Cine Alhambra.

A entrevista de Arlinda Cantero Dorsa<sup>48</sup> faz um percurso ao passado afirmando ter frequentado os cinemas de Campo Grande-MS desde sua infância: Cine Alhambra, Cine Estrela, Cine - Teatro Santa Helena, Cine Acapulco, Cine Jalisco, Cine Rialto, AutoCine, Cine Plaza, Cine Center, Cine Cultura, Cines Haway I e II, Cine Campo Grande, Cinemark, Cinépolis. Pode-se concluir que é uma grande admiradora da sétima arte.

Lembra a entrevistada de ter ido aos cinemas no passado com mais frequência, por ser uma diversão e por falta de outras opções. Uma realidade bem diferente de hoje, pois era um tempo sem televisão, na época um local de encontro de amigos, de famílias, mas que atualmente quase não realiza esse tipo de lazer.

Menciona ainda a entrevistada que, em Campo Grande, não existiam espaços específicos para o teatro e, quando havia algum show ou apresentação teatral, essas ocorriam no espaço do Cine - Teatro Santa Helena. Alguns desses fatos ficaram marcados na vida dessa campo-grandense.

Arlinda Cantero Dorsa, emocionada comenta:

---

<sup>48</sup> Arlinda Cantero Dorsa, 63 anos, nascida em Campo Grande – MS, professora. Frequentadora de vários cinemas de Campo Grande-MS. Emocionou-se no decorrer das falas, atualmente, frequenta os cinemas atuais com menos intensidade.

Uma lembrança positiva que guardo desse cinema é relacionada à minha infância, que foi na apresentação do Palhaço Carequinha, um artista que fez tanto sucesso na vida das crianças brasileiras no final da década 50 e início da de 60. O palhaço transformou o palco do cinema em um grande circo.

A entrevistada afirmou também que do Cine Santa Helena tem lembranças alegres e tristes. Relatou a realização de um show, em 1966, do grupo Zimbo Trio, que era o conjunto que acompanhava Elis Regina em suas apresentações. Esclarece, ainda, a referida entrevistada que durante os intervalos os componentes da banda, ao passarem por trás da cortina furada em vários locais, colocavam o rosto. Essa postura foi considerada pelos expectadores um deboche. A entrevistada assinalou que assistindo àquela cena como campo-grandense se sentiu muito ofendida.

Com esse depoimento, pode-se perceber que as instalações do Cine - Teatro Santa Helena já não se encontravam em bom estado de conservação. Sendo assim, não demorou muito para que seu fechamento ocorresse e, dessa forma, seu espaço foi (des)territorializado, e (re)territorializado.

Essas histórias orais demonstram que esses espaços de exibição cinematográfica tiveram relevância para a comunidade frequentadora naquele período, pois, ao mesmo tempo, auxiliaram no desenvolvimento econômico, gerando renda para os proprietários dos espaços e no desenvolvimento da cidade, de forma que o lado social e cultural da juventude campo-grandense foi também aguçado.

Os entrevistados enfatizaram que suas escolhas para irem aos cinemas eram delineadas pela localização, proximidade de casa, e as instalações do cinema. Hoje suas preferências passaram a ser, primeiramente, a segurança e, posteriormente, as acomodações dos cinemas.

A maioria dos entrevistados relatou o respeito que se tinha ao adentrar nesse espaço mágico, e esperar o início de uma sessão. Existia todo um roteiro a ser seguido, com abertura de cortina, uma música ao fundo tocada, ocasião em que era apresentado um cine jornal, com notícias do Brasil e do mundo. Fechava-se a cortina, então se abria novamente e apresentavam-se os *trailhers* não podendo ser mais de três, fechava-se novamente a cortina, e então abria e se iniciava a exibição da película. Não tinha barulho, era aquele silêncio, o público tinha respeito. Muitos sentem saudades desse modelo.

De um modo geral, no passado, os cinemas tinham uma representação de diversão, ponto de encontro de jovens e amigos. O lugar era frequentado por familiares, onde o espaço era de tranquilidade. Atualmente, existe uma nova abordagem que é a do medo, a insegurança com a violência, por isso essa grande transformação dos cinemas de deixarem o centro da cidade, para iniciarem essa nova concepção de cinemas em complexos de ilhas comerciais, por ter segurança, estacionamento, restaurantes, bancos, concentrados tudo em um lugar.

### *Considerações finais*

Tanto as salas de exibição quanto a produção dos filmes oferecidas em Campo Grande, durante toda a sua história dos cinemas, marcaram as vidas de diversas pessoas, entre adultos, jovens e crianças, cada um em seu tempo vivenciado. Algumas salas de cinemas foram mais importantes e duradouras que outras, mas todos trabalharam para a criação do território vivido para o lazer via cinema.

Nos dias atuais, quando se fala em assistir a filme, não se assimila como uma sala escura de exibição, pois o que se tem hoje é o avanço da tecnologia, o custo econômico alto, a comodidade de ficar em casa, e a falta de segurança que atinge a sociedade, assim o bem-estar individual dos telespectadores acaba sendo levado em conta.

Durante as entrevistas realizadas com os frequentadores de cinema, foram notáveis as marcas registradas por eles e muitos não conseguiram esconder suas emoções vividas durante o período, em que frequentaram os cinemas, sendo que para alguns esses momentos foram marcados por muitas alegrias. Diversos momentos importantes ocorridos na cidade aconteceram no interior dos cinemas ou ao seu redor.

Identifica-se que houve uma transformação na vida social da comunidade residente próxima aos cinemas que, de certa forma, influenciou na construção dos aspectos identitários de várias gerações de campo-grandenses.

Esses espaços culturais foram envolvendo a comunidade, e exercendo sobre ela um enorme fascínio pelas imagens em movimento, as quais retratam a realidade, as opiniões políticas e os comportamentos sociais desse tempo.

Verifica-se, portanto, que o cinema contribuiu e contribui para um enriquecimento cultural da sociedade campo-grandense, de forma que a comunidade local utilizava-se desses espaços para encontros sociais e atividades culturais antes inexistentes.

## **Referências**

### *Bibliografia*

ALMEIDA, Paulo Sérgio. *Cinema, desenvolvimento e mercado*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

ARAÚJO, Inácio. *Cinema: o mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995.

ÁVILA, Vicente Fideles de *et al.* *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. Campo Grande: UCDB, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BITTAR, Marisa; FILHO, Dante. *Dos campos grandes à capital dos ipês*. Campo Grande: Alvorada, 2004.

CASTILHO, Maria Augusta de; SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. *Rota do Trem do Pantanal: o diálogo entre patrimônio e desenvolvimento local*. Campo Grande: Life, 2012.

CONTAR, Edson Carlos. *Das margens do prosa ao bar do Zé*. Campo Grande: FUNCESP, 2002.

CUELLAR, Javier Perez de. *Nuestra Diversidade Creativa. Informe de la Comission Mundial de Cultura y Desarrollo*. Paris: UNESCO, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa de Soares Amora, 2001.

FERNANDES, João Luís Jesus. *Implantação de projectos de desenvolvimento, desterritorialização e vulnerabilidade das populações: o caso da construção de barragens*. In: *Cuarto Encuentro Internacional sobre Pobreza, Convergencia y Desarrollo*. Espanha: Universidad de Málaga, 2008.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

IANNI, Octavio. *A desterritorialização*. In: \_\_\_\_\_. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

JUNKES, Lauro. *A narrativa cinematográfica: introdução à linguagem e estética cinematográfica*. Florianópolis, mimeografado, 1979.

KNOPP, Glauco da Costa; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Cultura e Desenvolvimento: O programa bairro-escola da cidade de Nova Iguaçu. *Revista Administração e Diálogo*, v. 9, n. 1, p. 59-94, 2007.

LEITE, Sidney Ferreira. *O cinema manipula a realidade?* São Paulo: Paulus, 2003.

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: Xavier, Ismael (Org.). *A experiência do cinema: antropologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1983.

PINHEIRO, Marinete; FISCHER, Neide. *Salas de sonhos: história dos cinemas de Campo Grande*. Campo Grande: UFMS, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Alzilene Ferreira da. *A magia do cinema na praça: apropriação do espaço e sociabilidade em Salvador - BA*. 2009. 230 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2009.

SOUZA, Carlos Roberto de. *A fascinante aventura do cinema brasileiro*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1981.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1993.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

*Fontes*

ANCINE. Agência Nacional do Cinema (2012). Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

Antônio Benedito Scatena. Campo Grande - MS, 2013.

Arlinda Cantero Dorsa. Campo Grande - MS, 2013.

Celso Higa. Campo Grande - MS, 2013.

David Cardoso. Campo Grande - MS, 2013.

GUIMARÃES, Nathália Arruda. A proteção do patrimônio cultural: uma obrigação de todos. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 9, n. 354, 26 jun. 2004 . Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5372>>. Acesso em: 20 maio 2010.

SANTOS, Robson Souza dos; COSTA, Felipe da. *Cinema brasileiro e identidade nacional: análise dos primeiros anos do século XXI*. Universidade do Vale do Itajaí. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 maio 2012.

**Recebido em 25 de fevereiro de 2016; aprovado em 12 de maio de 2016.**